



**GDF - SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DF  
SUBSECRETARIA DE SUPORTE EDUCACIONAL DO DF  
COORDENAÇÃO REGIONAL DE ENSINO DE PLANALTINA  
CEM 01 DE PLANALTINA DF  
SALA DE APOIO A APRENDIZAGEM**



## **UMA ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA – 2019**

# **APOSTILA SOBRE DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM**

Através deste estudo você estará investindo no seu futuro! Espera-se que o mesmo faça parte do grande sucesso de sua carreira.  
Bons estudos!

**Planaltina 2019**

## Introdução

Sejam bem-vindos ao encontro sobre Distúrbios de Aprendizagem!

Ao longo deste serão estudados conteúdos que permitem conhecer o que são os **distúrbios de aprendizagem**, quais seus principais tipos, suas causas e como lidar com eles.

O objetivo é fornecer alguns conhecimentos necessários para detectar possíveis distúrbios de aprendizagem e obter competências e habilidades para lidar com diversas situações.

Não se tem aqui informações sobre todos os tipos de distúrbios existentes, embora aborde uma grande parte deles.

Os conteúdos são de grande utilidade para os profissionais e educadores que convivem, ou trabalham com pessoas detentoras de distúrbios de aprendizagem, embora seja preciso estar claro que pessoas que apresentam distúrbios de aprendizagem devem também ter o apoio de profissionais especializados, pois existem diferentes tipos de distúrbios e, cada um deles, necessita de uma ajuda profissional específica.

**Bom Estudo!**

## Unidade 1- Dificuldades x Distúrbios de aprendizagem

### 1.1. Diferenças entre Dificuldades e Distúrbios de Aprendizagem

Existe uma ampla discussão entre autores e profissionais da área da educação com relação a esse assunto. No entanto, não há um consenso ou uma posição definida para o mesmo. Dessa forma, vamos adotar neste estudo o princípio de que existem determinadas diferenças entre os termos “dificuldades” e “distúrbios” de aprendizagem.

O termo “dificuldades” pode ser usado para designar qualquer tipo de obstáculos encontrados pelos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem. Eles podem ser das mais diversas ordens. Muitas vezes, os problemas não estão no aluno, mas ligados a elementos externos que o influenciam. Abaixo veremos exemplos de fatores que causam dificuldades na aquisição do conhecimento:

- Problemas sociais como a desnutrição;
- Ausência de motivação;
- Conflitos familiares;
- Baixa qualidade do sono;
- Diferenças culturais;
- Deficiências na estrutura da educação: salas superlotadas; professores mal remunerados, pouco treinados e sobrecarregados;
  - Material didático inadequado;
  - Inadequação metodológica;
  - Mudanças no padrão de exigências da escola;
  - Baixo QI (Quociente de Inteligência)
  - Falta de interesse;
  - Problemas na visão;
  - Problemas na audição;
  - Problemas genéticos;
  - Comprometimentos neurológicos;

Assim, pode-se perceber que, independente da natureza das causas, elas podem gerar dificuldades e até mesmo impedimentos nas capacidades de aprendizado dos indivíduos. Porém, durante este estudo, o foco será dado aos Distúrbios de Aprendizagem. Eles também causam dificuldades no processo de aprendizagem, porém suas causas estão ligadas a características específicas dos indivíduos que refletem em dificuldades também específicas como será visto. Abaixo estão relacionadas algumas características de pessoas que possuem Distúrbios de Aprendizagem:

- Apresentam quociente de inteligência normal, muito próximo da normalidade ou até mesmo superior;
- Não apresentam deficiências sensoriais, nem neurológicas significativas;
- Possuem rendimento escolar insatisfatório em relação às demais pessoas que se encontram na mesma faixa etária;
- Apresentam uma disfunção no sistema nervoso central;
- Suas dificuldades são detectadas, na maioria das vezes, no início da alfabetização, quando passa a frequentar a escola e nota-se suas diferenças de aprendizado em relação ao restante do grupo;
- Têm dificuldades em um aspecto específico da aprendizagem (leitura, fala, escrita, matemática, raciocínio);

Ao contrário das dificuldades de aprendizagem, que podem estar ligadas a problemas externos ou a um conjunto de elementos, os distúrbios de aprendizagem estão mais vinculados ao próprio aluno independente de questões relacionadas, por exemplo, à estrutura geral da educação ou ao ambiente familiar e suas condições econômicas, atingindo o aluno em nível individual. Essas

questões podem influenciar de forma negativa a aprendizagem, mas não são determinantes nesses casos.

As características que devem ser observadas em alunos que possuem distúrbios de aprendizagem, são dificuldades específicas para a realização de atividades como a leitura, a escrita, a fala, o raciocínio e as habilidades matemáticas. Esses precisam de atenção e tratamentos diferenciados como a ajuda de profissionais especializados, formas diferentes de ensino, escolas com recursos específicos, entre outras.

É preciso estar claro, como já foi dito anteriormente, que a confirmação de um diagnóstico de distúrbio de aprendizagem, depende de um conjunto de fatores e exames específicos. Alunos com dificuldades causadas por outros motivos podem ter seus problemas sanados quando inseridas em ambientes com qualidades diferenciadas de organização, ambientes saudáveis e profissionais capacitados.

As dificuldades de aprendizagem podem ser transitórias quando suas causas são tratadas ou eliminadas, enquanto os distúrbios permanecem pela vida toda, já que são disfunções do sistema nervoso. Eles também podem e devem ser tratados, porém, essas ações representam alternativas para que as pessoas possam conviver de forma saudável com suas limitações e saber como superá-las e não constituem curas definitivas.

Dessa forma, a disfunção neurológica é uma característica fundamental para diferenciar uma criança com distúrbios de aprendizagem daquelas que apenas apresentam algumas dificuldades. Aqueles têm uma relação médica, o que explica o fato de apenas uma pequena parte da população que encontra dificuldades de aprendizagem, terem nos distúrbios as causas de seus problemas.

## Unidade 2 – Tipos de Distúrbios de Aprendizagem

As pessoas que possuem distúrbios de aprendizagem têm capacidade menor para realizar determinadas atividades e uma afinidade e facilidade maior para outras. E estes podem ser classificados em distúrbios de entrada ou saída. Como veremos a seguir.

### 2.1. Distúrbios de Entrada

Os distúrbios de entrada se caracterizam pelas informações chegadas ao cérebro que podem ser através do ouvido (entrada de audição) e da visão (entrada visual). E esse processo todo de entrada, é realizado no cérebro.

#### 2.1.1. Distúrbios de Percepção Visual

O distúrbio de percepção visual não se caracteriza por pessoas quem têm dificuldades para enxergar em função de problemas como, por exemplo, a miopia e o astigmatismo. Nesse distúrbio, as duas características mais presentes são:

- Dificuldade em definir a posição e/ou forma do que se vê;
- A entrada de informação pode ser recebida com letras ao contrário ou giradas.

Essas características podem fazer com que a criança confunda letras semelhantes como o **b** com o **d**, o **g** com o **q**, o **f** com o **v** e outras variações de letras que possuem um som parecido na hora de se dizer alguma coisa como, por exemplo, em **faca = vaca**.

Os alunos têm esses distúrbios detectados geralmente na fase em que estão começando a ler, escrever e copiar letras e desenhos. Algumas das dificuldades que elas costumam apresentar são:

- Leitura (trocam as linhas na hora da leitura, pulam palavras)
- Erros na avaliação de profundidade (esbarram o tempo todo nas coisas)
- Não conseguem entender direita e esquerda, em cima e embaixo.
- Não conseguem determinar sua posição no espaço

- Não conseguem participar de atividades esportivas como pegar uma bola ou pular corda, por serem inseguras com as informações que recebem.

Essas dificuldades fazem com que o aluno tenha uma limitação para fazer as coisas, pois ele não consegue determinar a sua posição no espaço, podendo se confundir em locais como campos abertos ou ginásios. Na hora de praticar algum esporte, por exemplo, ao jogar futebol, o cérebro dele vai precisar perceber a posição correta da bola e o seu trajeto e dizer para as partes do seu corpo exatamente o que elas precisam fazer.

A má percepção de distância ou de velocidade ou a fato de seu cérebro orientar o corpo de forma errônea, faz com que ela não alcance a bola de maneira alguma.

No momento de transmitir a informação, é encontrada uma dificuldade consideravelmente grande, pois a criança recebe uma informação que ultrapassa o seu objetivo ou não chega a ele, como o exemplo da bola.

### 2.1.2. Distúrbios de Percepção Auditiva

Assim como o distúrbio de percepção visual, este está ligado às dificuldades da leitura. A percepção auditiva consiste na transformação do som para uma informação. As pessoas com distúrbio de percepção auditiva, não conseguem fazer esta transformação com perfeição, pois o conteúdo que é recebido no cérebro chega distorcido, apresentando várias falhas como, por exemplo, a troca de palavras. Elas também não têm a capacidade de processar as entradas de som tão rápido como as outras pessoas, o que é conhecido como retardo auditivo. São características de pessoas com distúrbio de percepção auditiva:

— Dificuldades em distinguir pequenas diferenças nos sons compreendendo a mensagem de forma incorreta. Exemplo: Confundir **bala** com **bola**.

— Dificuldades com a relação figura e fundo. Exemplo: O aluno está assistindo televisão num local em que há outras pessoas conversando. Alguém, em outro cômodo, chama a criança e começa a falar com ela. A mesma não consegue distinguir a voz, demorando para percebê-la. Esses alunos são vistos pelos pais e educadores como aqueles que nunca prestam atenção a nada do que lhe é dito.

Para lidar com pessoas que apresentam essas características, é preciso falar devagar, dar as instruções separadamente para que elas consigam acompanhar as mesmas, entre outros cuidados. Se as falas forem realizadas de forma rápida, provavelmente partes das informações serão perdidas.

### 2.1.3. Distúrbios de Integração

(Problemas de coordenação motora, hiperatividade, falta de habilidade social, impulsividade, chorar a toa e problemas comportamentais), também constituem distúrbios de entrada, mas estão ligados a outros sentidos diferentes da visão e da audição. Quando as informações chegam ao cérebro, elas precisam ser compreendidas, o que se dá em dois momentos: a sequência e a abstração. As pessoas podem ter esse distúrbio em uma área ou outra ou, ainda, em ambas.

#### Distúrbios de Sequência

Os alunos que apresentam esse distúrbio compreendem as informações transmitidas, mas não conseguem repetir suas sequências. Veja alguns exemplos abaixo:

— Uma criança pode ouvir ou ler uma história, mas, na hora de recontá-la, pode inverter a ordem dos fatos discorrendo, primeiramente, sobre o final e depois ir para o início da história.

— Nas operações matemáticas, os problemas são entendidos, mas, as ordens invertidas:

Exercício:  $4 + 2 = ?$  Resposta dada pela criança:  $4 + 6 = 2$ .

Pessoas com essas características também podem encontrar dificuldades com jogos de tabuleiro que exijam um movimento em sequência; ao colocar cada coisa em seu lugar arrumando uma mesa de jantar, ou, ainda, ao realizar a grafia de palavras, trocando a ordem das letras. Uma

criança que tem dificuldade em dar sequência ao que é visto, tem um distúrbio de sequência visual e outra que tenha dificuldade em dar sequência ao que é ouvido, tem distúrbio de sequência auditiva.

### **Distúrbios de Abstração**

A abstração diz respeito à capacidade de dar significados às coisas. Em alunos com distúrbios de abstração, a informação recebida é registrada e colocada na sequência correta. Porém, não se pode fazer relações com o conhecimento adquirido e nem significá-lo.

Exemplo: Um educador pode ler uma história sobre policiais e perguntar para o aluno se ele conhece algum policial que seja da família ou alguém com quem tenha contato.

Esse aluno não tem capacidade para responder a esse questionamento, pois ele consegue falar apenas do policial da história de forma específica e não sobre esses profissionais de forma geral.

### **2.1.4. Distúrbios de Memória**

Quando se recebe uma informação, além da mesma ter que ser registrada e compreendida, ela precisa ser arquivada para que possa ser usada em outros momentos, o que se dá através da memória. Existem três tipos de memória: **a imediata, a de curto prazo e a longo prazo**.

A **memória imediata**, também é conhecida como memória de trabalho. É breve e fulgaz, gerencia a realidade mantendo a informação por alguns segundos ou minutos, até que esta seja processada. Ela pode ser ilustrada como a memória de um número de telefone consultado na lista telefônica, que é geralmente esquecido depois de digitado. Localiza-se no córtex pré-frontal do cérebro.

A memória **a de curto prazo** faz com que a pessoa tenha a capacidade de manter as informações no foco da consciência, organizar os dados e sequenciar atividades antes das informações a serem armazenadas. A seguir, essas informações saem do foco da consciência, ou seja, deixam os circuitos da memória operacional e são processadas e consolidadas em longo prazo em outras regiões do cérebro. E é então, o que chamamos de **memória de longo prazo** a qual capacita a pessoa a reter e consolidar as informações que poderão ser evocadas após minutos ou décadas. Por exemplo: a lembrança de amigos da infância, o endereço de suas respectivas casas...É ativada com através da repetição do ato.

Alunos com distúrbios de memória, geralmente têm a sua memória de curto prazo afetada. Esses problemas também podem atingir de forma significativa o desempenho escolar. Muitas vezes são necessárias de 10 a 15 repetições para memorizar algo que uma criança sem este distúrbio o faria em 3 ou 5 repetições. No entanto, essas pessoas não possuem dificuldades na memória de longo prazo, podendo lembrar de determinados acontecimentos nos mínimos detalhes.

## **2.2. Distúrbios de Saída**

Assim como determinadas pessoas encontram dificuldades na forma como recebem as informações, outras têm problemas no momento da saída de informações, ou seja, no momento de concretização do conhecimento adquirido.

Isso é percebido quando o aluno realiza ações como escrever, desenhar, atividades motoras e outras. Quando essa dificuldade implica na escrita ou na fala, ela é chamada de Distúrbios de Saída de Linguagem e, quando se dá na realização de atividades musculares, é chamada de Distúrbios de Saída Motora.

### **2.2.1. Distúrbios de Linguagem**

Os distúrbios de linguagem podem ser divididos em dois tipos: Distúrbio de Linguagem Espontânea e Distúrbio de Linguagem de Demanda.

A **linguagem espontânea** se dá quando o indivíduo inicia uma conversa através de um comentário, um cumprimento ou um questionamento. Nesta forma de comunicação, a pessoa que inicia a conversa escolhe o assunto que será tratado (provavelmente um do qual tenha conhecimento e facilidade para discorrer), usa o tempo necessário para organizar seus pensamentos e encontrar as melhores palavras para se expressar.

Porém, pessoas com distúrbio de aprendizagem espontânea, encontram dificuldades em realizar tal tarefa, não iniciando diálogos ou, então, o fazendo de forma inadequada.

Já a linguagem de demanda se dá quando alguém iniciou uma conversa e é preciso interagir. Pessoas que são portadoras deste distúrbio, geralmente não possuem dificuldade com a linguagem espontânea.

Na **linguagem de demanda**, a outra pessoa é quem estabelece a circunstância na qual você tem que se comunicar, de forma que não há tempo para organizar os pensamentos e encontrar as palavras adequadas, mas, ainda assim, é preciso responder de forma apropriada.

Pessoas com esses problemas costumam pedir para que a pergunta seja repetida, pois, dessa maneira, conseguem mais tempo para pensar na resposta. Quando são forçadas a dar uma resposta, o fazem de maneira confusa e é difícil acompanhá-las. Isso pode parecer contraditório, já que este mesmo indivíduo consegue falar perfeitamente em outros momentos como, por exemplo, quando inicia uma conversa.

Esses alunos podem ser vistos como preguiçosos pelos professores, afinal, falam normalmente através da linguagem espontânea e, quando são questionadas, dizem que não sabem ou simplesmente não respondem. Esse é o tipo de dificuldade que é detectada quando não se conhece esse distúrbio, originando, portanto a necessidade de se ter profissionais capacitados para o processo de ensino-aprendizagem.

## 2.2.2 Distúrbios de Atividade Motora

Os distúrbios de atividade motora podem ser divididos em dois tipos: distúrbio de atividade motora grosseira e distúrbio de atividade motora fina.

O distúrbio de atividade motora grosseira é caracterizado pela dificuldade de usar grandes grupos musculares. Ele faz com que o aluno seja desajeitado fazendo-o cair sobre as coisas ou enfrentar problemas para realizar atividades físicas como correr, escalar ou nadar.

Já o distúrbio de atividade motora fina, consiste na dificuldade de realizar tarefas que demandam que muitos músculos trabalhem juntos. Ele é percebido quando o aluno começa a escrever. Ele apresenta uma incapacidade de fazer com que os músculos da mão dominante trabalhem em conjunto. A sua velocidade de escrever não consegue acompanhar o ritmo do seu pensamento, o que resulta em uma letra lenta e feia.

Escrever exige uma série de elementos que acabam passando despercebidos para as pessoas que não possuem tais dificuldades como a forma, o tamanho, o espaçamento e o posicionamento. Para alunos com distúrbios de atividade motora fina, esse processo é muito mais complicado.

A partir desse momento serão conhecidos os principais distúrbios de linguagem e de atividade motora, sendo que eles podem ser classificados como um e/ou outro.

— Dislexia; Disgrafia; Disortografia; Afasia; Discalculia; Acalculia; Gagueira e Déficit de atenção

### A) Dislexia

A dislexia tem sido o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Ela reflete na dificuldade de aprendizagem na qual a capacidade de um aluno para ler ou escrever está abaixo do seu nível de inteligência. A mesma pode ser caracterizada como uma insuficiência para assimilar os símbolos gráficos da linguagem.

Sua origem é congênita (nata) e hereditária e seus sintomas podem ser identificados logo na pré-escola em crianças que demoram a começar a falar ou trocam os sons das letras e têm dificuldades para aprender a ler e escrever.

Elas podem ser chamadas de "a mãe dos transtornos de aprendizagem" porque foi a partir da identificação deste problema que se iniciou uma busca pelo conhecimento de todos os outros tipos de distúrbios existentes. Com o passar do tempo, surgiu a necessidade de estabelecer as diferenças entre os problemas na aprendizagem e, a partir de então, eles começaram a ser subdivididos e classificados. A dislexia também foi conhecida durante um grande período como "cegueira verbal congênita" devido às dificuldades para ler e escrever em pessoas que possuíam visão normal.

Esse distúrbio se dá em alunos com audição, visão e inteligência normais, que vivem em ambientes familiares saudáveis e possuem condições econômicas adequadas.

Assim, em casos de dislexia, as causas não podem ser atribuídas a questões emocionais, culturais ou instrucionais. Embora esses fatores tenham uma influência no desempenho de pessoas disléxicas, elas não são determinantes.

Nos indivíduos que não possuem dislexia, a área esquerda do cérebro é a responsável pela percepção e pela linguagem, subdividida em três partes: uma que processa fonemas, outra que analisa as palavras e a última que reconhece as palavras.

Essas três partes trabalham em conjunto e dão capacidade para que os indivíduos aprendam a ler e escrever. Os alunos conseguem realizar essa tarefa apenas quando reconhecem e processam fonemas, memorizando as letras e seus sons. Com o tempo e o desenvolvimento do aluno na leitura e na escrita, sua memória permanente começa a ser construída, o que faz com que ela reconheça as palavras com mais agilidade e sem grande esforço.

As crianças disléxicas possuem falhas nas conexões cerebrais. Elas podem contar apenas com a região do cérebro responsável por processar fonemas e sílabas, enquanto a área responsável pela análise de palavras, não exerce a sua função. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê aparenta ser nova e desconhecida. Para simplificar, pode-se dizer que a dislexia é causada por alterações nas áreas do cérebro responsáveis pelos sons da linguagem e do sistema que transforma o som em escrita.

Esse distúrbio é confundido com frequência com outros problemas de adaptação escolar como os atrasos de desenvolvimento e a deficiência mental ligeira, afinal, o aluno disléxico tem dificuldades em compreender o que está escrito e de escrever o que está pensando. Quando tenta expressar-se no papel, o faz de maneira incorreta e o leitor não comprehende as suas ideias. Abaixo você pode ver algumas das características mais encontradas por alunos que têm dislexia:

- Fraco desenvolvimento da atenção
- Falta de capacidade para brincar com outras crianças
- Atraso no desenvolvimento da fala e escrita
- Atraso no desenvolvimento visual
- Falta de coordenação motora
- Dificuldade em aprender rimas/canções
- Falta de interesse em livros impressos
- Dificuldade em acompanhar histórias
- Dificuldade com a memória imediata e a organização em geral
- A pronúncia ou a soletração de palavras monossilábicas é uma dificuldade evidente
- Inversão de palavras de maneira parcial ou total. Exemplo: A palavra "casa" é lida como "saca".
- Inversão das letras e números. Exemplo: "p" por "b"; "3" por "5"
- Alteração na ortografia em função de alterações no processo auditivo
- Cometem erros na separação das palavras
- Dificuldades em distinguir esquerda e direita
- Alteração na sequência das letras que formam as sílabas e palavras

- Dificuldades na matemática
- Pobreza de vocabulário
- Escassez de conhecimentos prévios (memória de longo prazo)
- Falhas na elaboração de orações complexas e na redação espontânea
- Copiam as palavras de forma errada mesmo observando na lousa como são escritas.

Além disso, os disléxicos também sofrem com a falta de rapidez ao ler. Sua leitura é sem ritmo e, muitas vezes e com muito sacrifício, decodificam as palavras, mas não conseguem compreendê-las.

As características colocadas acima não são suficientes para se fechar um diagnóstico a respeito da dislexia, afinal, existem outros distúrbios de aprendizagem que também possuem elementos parecidos, no entanto, elas podem ser usadas como um ponto a partir do qual se é levado a procurar a ajuda de profissionais especializados e buscar formas de superação.

A dislexia é responsável por altos índices de repetência e abandono escolar. A ausência de conhecimentos dos professores contribui para uma evasão escolar e o agravamento dos problemas enfrentados pelos alunos. Essas são incompreendidas em seu fracasso e não valorizadas em suas tentativas vãs para superar suas dificuldades, desenvolvendo uma imagem negativa sobre si mesmas. A escola se torna um ambiente que causa ansiedade e as exigências dos pais e professores acabam se revertendo em comportamentos agressivos, inibições e outros.

Os alunos disléxicos precisam olhar e ouvir atentamente, prestar atenção aos movimentos da mão enquanto escrevem e da boca quando falam para associar os fonemas aos seus sons e à sua escrita.

É recomendada a montagem de “manuais” de alfabetização apropriada para pessoas com essas dificuldades. Além disso, o sucesso escolar de um disléxico está baseado em uma terapia multisensorial (uso de todos os sentidos), sempre combinando atividades que motivem o uso da visão, da audição e do tato para ajudá-lo a ler e soletrar corretamente as palavras. Abaixo estão colocadas algumas atitudes que podem ajudar essas pessoas no processo de aprendizagem:

- Usar folhas quadriculadas para matemática.
- Usar letras com várias texturas.
- Usar máscara para leitura de texto.
- Evitar dizer que a criança é lenta, preguiçosa ou compará-la aos outros alunos da classe.
- Não forçar a criança a ler em voz alta em classe a menos que demonstre desejo em fazê-lo.
- Suas habilidades devem ser julgadas mais em suas respostas orais do que nas escritas.
- Sempre que possível, a criança deve ser encorajada a repetir o que foi lhe dito para fazer, isto inclui mensagens. Sua própria voz é de muita ajuda para melhorar a memória.
- Revisões devem ser frequentes e importantes.
- Copiar do quadro é sempre um problema, tente evitar isso, ou dê-lhe mais tempo para fazê-lo.
- Demonstre paciência, compreensão e amizade durante todo o tempo, principalmente quando você estiver ensinando a alunos que possam ser considerados disléxicos.
- Ensine-a quando for ler palavras longas, a separá-las com uma linha a lápis.
- Dê-lhes menos dever de casa e avalie a necessidade e aproveitamento desta tarefa.
- Não risque de vermelho seus erros ou coloque lembretes como “você precisa estudar mais para melhorar”.
- Procure não dar suas notas em voz alta para toda classe, isso a humilha e a faz infeliz.
- Não a force a modificar sua escrita, ela sempre acha sua letra horrível e não gosta de vê-la no papel. A modulação da caligrafia é um processo longo.
- Use sempre uma linguagem clara e simples nas avaliações orais e principalmente nas escritas.
- Uma língua estrangeira é muito difícil para eles, faça suas avaliações sempre em termos de trabalhos e pesquisas.

Além do apoio da escola, os alunos precisam receber apoio em casa. Os pais e demais responsáveis devem ajudar a melhorar sua autoestima, oferecendo carinho, sendo compreensivos e

elogiando a cada acerto alcançado e encorajando a realização de tarefas em que se saiam bem e que podem ser estimulantes. Também devem ser ajudados em seus trabalhos escolares e não se pode permitir que seus problemas escolares impliquem em mau comportamento ou falta de limites.

Para diagnosticar corretamente a dislexia, deve-se procurar a ajuda de profissionais como fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas e psicopedagogos. Não se espera encontrar todas as dificuldades numa única criança disléxica, mas a presença de pelo menos uma delas, associada às dificuldades de ler, pode fazer supor a existência de um quadro de dislexia. Os problemas podem ser avaliados através de um acompanhamento adequado e direcionado às condições de cada caso.

Faz-se necessário adequar métodos e materiais que atendam o desenvolvimento do aluno, bem como o acompanhamento e a observação para que se conheça as particularidades de cada um considerando o seu tempo e a sua construção de saberes.

É importante que se fale sobre o “dom da dislexia”. Pois, quando um dislexo domina alguma coisa, ele a aprendeu tão bem que pode fazê-la sem pensar sobre o que está fazendo.

**Obs: Irlen ou dislexia da leitura** – Irlen é uma síndrome que pode afetar além da leitura, outras áreas variadas da vida do indivíduo. A sensibilidade à luz pode causar desde simples incômodos em determinados ambientes ou circunstâncias, até prejuízos em habilidades, tais como: prática de esporte com bola, coordenação motora fina e grossa, habilidades musicais, coordenação espaço temporal, entre outras.

Um indivíduo mesmo com acuidade visual dentro dos padrões de normalidade (ou seja, enxergando bem), tem chances de ser portador da síndrome, já que se trata de uma disfunção da percepção e não uma patologia ligada diretamente aos olhos. Ela está relacionada diretamente a déficits na codificação e decodificação das informações visuais pelo sistema nervoso central. É necessário um diagnóstico diferencial por profissionais especializados, uma vez que não pode ser detectada através de exames oftalmológicos de rotina, nem por testes padronizados para verificação de dificuldades de aprendizagem. Esta é uma síndrome conhecida no Brasil há aproximadamente cinco anos, através de cursos oferecidos pela Fundação do Hospital de Olhos de Minas Gerais.

O uso da lâmina **overlays**(overleis), proporciona conforto, nitidez, estabilidade e fluência durante a leitura. Esta pode ser usada como lente dos óculos ou sobre postas em textos.

## B) Disgrafia

A disgrafia também é conhecida como “letra feia” porque as crianças que possuem esse tipo de distúrbio, apresentam uma escrita muito feia. Isso leva a um desempenho ruim na escola mesmo em alunos que possuem inteligência normal ou acima da média. Esse problema constitui uma deficiência na qualidade do traço gráfico, o que se reflete através de grandes dificuldades para escrever corretamente a linguagem falada.

O aluno com disgrafia tem dificuldades em coordenar as informações visuais e na realização motora do ato de escrever. Alguém que tem apenas dificuldades para escrever, mas não apresenta problemas em outras atividades motoras, provavelmente não tem este distúrbio.

Existem dois tipos de disgrafia: a motora e a pura. A primeira atinge a maioria das crianças com este distúrbio e consiste na dificuldade em escrever palavras e números corretamente. A segunda é mais difícil de ser diagnosticada porque aparece quando ao aluno sofre algum trauma emocional e isso se reflete na sua letra. Existem alguns sinais que podem indicar as relações entre os problemas causados por este distúrbio e as condições emocionais:

- Letras pequenas demais podem indicar uma timidez excessiva.
- Letras grandes demais podem indicar um aluno que necessita estar sempre no centro das atenções.
- Letras feitas com muita força, que chegam a marcar as outras páginas do caderno, podem indicar que o aluno esteja tenso.

No entanto, a disgrafia acontece também em alunos com capacidade intelectual normal, sem qualquer transtorno neurológico, sensorial, motor ou afetivo. Eles, ainda que tenham boas notas e facilidade de se expressar pela fala, não conseguem planejar os movimentos para conseguir o traçado da letra. Ao observarem os conteúdos de uma lousa ou um papel, não são capazes de reproduzir o que viram. Algumas das características mais encontradas em crianças com este tipo de distúrbio são:

- Letras ilegíveis
- Traços pouco precisos ou incontrolados
- Falta de pressão nos traços ou pressão muito forte a ponto de marcar o papel
- Letras distantes ou extremamente juntas
- Omissão de letras
- Dificuldade em manter uma frase na mesma linha
- Dificuldade em recordar a grafia correta para representar um determinado som ouvido ou elaborado mentalmente.
- O aluno escreve devagar, retocando cada letra, realizando de forma inadequada às uniões entre as letras ou amontoando-as para esconder os erros ortográficos.

A ortografia pode ser verificada como uma das dificuldades da disgrafia a partir do momento que se exige rapidez e um ritmo gráfico de um aluno que ainda não automatizou a relação som-letra. Nesse caso, a escrita das palavras é lenta e, na maioria das vezes, incompleta, porque o aluno tem certas dificuldades em recordar com rapidez qual a grafia para representar determinado som. Podendo os elementos citados serem resumidos em três características básicas:

### **Má organização da página**

Essa característica está ligada à orientação espacial, ou seja, o aluno encontra dificuldades para organizar sua escrita numa folha de papel. O texto é apresentado de forma desordenada com margens mal feitas ou inexistentes, espaço entre palavras e linhas irregulares.

### **Má organização das letras**

Incapacidade de seguir as regras caligráficas. O traçado é de má qualidade e os contornos das letras são deformados.

### **Formas e proporções**

Refere-se ao grau de limpeza do traçado das letras, sua dimensão (muito grandes ou minúsculas), desorganização das formas e escrita alongada ou comprimida.

A disgrafia normalmente é observada um ou dois anos depois que o aluno aprende a escrever. É comum que os professores demorem para perceber o problema, pois eles estão mais preocupados com o desenvolvimento intelectual dos alunos do que com o motor. Embora não se treine de forma efetiva a organização espacial das crianças, exige-se que elas tenham uma boa escrita, o que pode ser visto como uma problemática na educação infantil. O professor deve ficar atento às possíveis posturas inadequadas para poder corrigi-las o mais cedo possível e, junto com um profissional especializado, estabelecer estratégias de ajuda que favoreçam a qualidade do traçado gráfico.

Uma grande parte dos professores não conhecem os distúrbios ligados à aprendizagem e acabam julgando de forma errônea seus alunos ao dizer que eles não são caprichosos, são preguiçosos e pouco esforçados. Por esse e outros motivos, é preciso saber que o que diferencia uma letra sem capricho da disgrafia, é o fato de o aluno ter também outras dificuldades motoras leves como problemas na hora de amarrar o sapato ou abotoar a camisa.

A idade mais indicada para se começar a tratar a disgrafia é a partir dos oito anos, quando a letra começa a se firmar. Quando não tratado, o distúrbio pode trazer problemas mais sérios na vida adulta, entre eles a dificuldade de comunicação. Em processos seletivos como vestibulares, por exemplo, é preciso escrever textos relativamente longos e tem-se pouco tempo disponível pra isso. Candidatos que sofrem com a disgrafia, já se apresentam em desvantagem na concorrência.

Além da antecedência, a disgrafia precisa ser superada através de tratamentos psicológicos e treinos motores. Sem a busca de um tratamento, a criança começa a se sentir atrasada em relação aos outros alunos e não comprehende porque não consegue se expressar através das palavras no caderno. A finalidade dos tratamentos é fazer com que a criança atinja o domínio do gesto e do instrumento, a percepção e compreensão da imagem a reproduzir.

Algumas atitudes podem ser tomadas no sentido de minimizar os problemas causados pela disgrafia. Pode-se citar como exemplo exercícios como o ombro (como os realizados com o brinquedo “vai e vem”), para o cotovelo (como os realizados ao jogar peteca), para os punhos e mãos (como brincar com massinhas ou argilas e pintar com lápis de cor ou giz de cera).

Deve-se destacar ainda a importância dos esportes. Através deles é possível trabalhar a orientação espacial e a coordenação motora da criança. Brincadeiras como jogar vôlei, xadrez e peteca também podem ajudar na melhora da letra, já que fazem a criança usar as mãos e planejar os movimentos.

Não se pode descartar o papel que pais e professores têm nesse processo. Eles precisam estar cientes das capacidades motoras da criança e não exigir resultados que estão acima daqueles que ela pode apresentar num dado momento. É claro que não se pode esperar que o aluno desenvolva suas habilidades sozinho, mas sim estimular esse desenvolvimento através de práticas motoras baseadas em crescimentos graduais que exijam pouco a pouco mais rapidez e controle do ato motor.

O desenvolvimento do controle motor é uma característica básica para atingir a qualidade na escrita. Afinal, o ato de escrever mobiliza uma série de segmentos do corpo. Antes de se atingir o nível ideal de desenvolvimento motor, que permite a realização da escrita de forma rápida, precisa, legível e sem cansaço, a coordenação motora passa por diversos estágios. Em cada estágio um segmento do corpo realiza uma função até chegar o momento em que se atinge o controle total do ato de escrever, que é caracterizado pela fixação do cotovelo na mesa e a rápida movimentação dos dedos durante a escrita.

No inicio da alfabetização, é natural que escrita do aluno não saia de forma perfeita no papel, afinal, ele está apenas começando a aprender. No entanto, se com o tempo e o treinamento em cadernos de caligrafia, o aluno ainda estiver longe de escrever corretamente, é preciso que pais e educadores começem a buscar as causas dessas dificuldades e procurem formas de superação.

Não se pode esquecer também que o traçado gráfico é feito de características pessoais e, portanto, vai adotando peculiaridades individuais ao longo do desenvolvimento de cada um. Baseados nisso, responsáveis e professores não podem impor nenhum modelo de letra para os alunos, mas sim, respeitar o seu grafismo desde que ele seja legível, claro e atinja o objetivo principal da escrita, que é a transmissão da linguagem oral com o máximo de eficiência sem o desprendimento de grandes esforços.

### **C) Disortografia**

A disortografia também é um problema encontrado na linguagem, onde o aluno apresenta dificuldades em realizar a escrita e a fala, lidar com todas as sinalizações gráficas e outros conhecimentos que as crianças da 2<sup>a</sup> série do ensino fundamental I, já deveriam saber e ter total domínio.

Assim como outros distúrbios, a disortografia também está ligada à dislexia e apresenta algumas características presentes em outros problemas, o que dificulta a identificação do tipo de distúrbio com o qual se está lidando. Por isso, é de extrema importância que os educadores tenham conhecimentos suficientes para exercer a profissão e trabalhar o desenvolvimento de seus alunos. Eles certamente precisarão observar de forma atenta às dificuldades dos alunos para poder deixar os pais cientes e procurar a melhor maneira de dar o atendimento necessário para tais alunos durante o processo de ensino-aprendizagem.

#### **Características da disortografia:**

– Troca de grafemas: Geralmente as trocas de grafemas (unidades gráficas) que representam fonemas homorgânicos (fonemas que têm a articulação realizada pelo mesmo órgão do aparelho responsável pela emissão de sons, sendo as trocas mais freqüentes àquelas que envolvem o **p** ou o **b**), acontecem por problemas de discriminação auditiva. Quando o aluno troca fonemas na fala, a tendência é que ela escreva apresentando as mesmas trocas, mesmo que os fonemas não sejam auditivamente semelhantes.

– Falta de vontade de escrever.

– Dificuldade em perceber as sinalizações gráficas (parágrafos, travessão, pontuação e acentuação).

– Dificuldade no uso de coordenação/subordinação das orações.

– Aglutinação ou separação indevida das palavras.

Os pais desses alunos precisam ser orientados a levar seus a especialistas para que possam ter orientações mais precisas do caso, podendo também ter o conhecimento se este distúrbio possui algum tipo de tratamento para diminuir as dificuldades. Existem alguns fatores que devem ser analisados no processo de verificação dos educadores:

– Nível de escolaridade

– Frequência dos erros e quais acontecem

– A frequência de palavras no vocabulário

– A frequência visual

Através dessas colocações, os educadores conseguem ter um diagnóstico mais preciso do distúrbio, podendo realizar um trabalho eficiente, apresentando menos falhas quando comparados a educadores sem conhecimento sobre o assunto.

#### **D) Afasia**

Este distúrbio também está ligado à linguagem e tem como principais características a perda das capacidades e habilidades da comunicação tanto escrita, como falada.

Ele está muito envolvido com a área da neurologia clínica, uma vez que pode originar-se de acontecimentos como acidentes vasculares cerebrais, infecções e outros, afetando, dessa forma, áreas específicas do cérebro responsáveis pela comunicação. De acordo com o local da lesão cerebral, são ocasionados tipos diferentes de alterações. Por isso, a afasia divide-se em quatro tipos:

– Afasia de Broca; Afasia de Wernicke; Afasia de Condução e Afasia Global.

O fato de elas estarem divididas em tipos diferentes, possibilita aos profissionais da área médica uma maior facilidade para darem diagnósticos e encontrar o melhor tratamento.

#### **E) Discalculia**

A discalculia está ligada às dificuldades com as habilidades matemáticas. Os alunos são capazes de compreender as lições transmitidas, mas quando tentam colocar em prática o que aprenderam, acabam trocando e invertendo as ordens das operações.

Pessoas com discalculia não apresentam problemas fonológicos, mas encontram dificuldades em:

– Visualizar conjuntos de objetos dentro de um conjunto maior.

– Conservar a quantidade .

Exemplo: Não compreender que 1kg é igual a quatro pacotes de 250 g

– Os sinais de soma, multiplicação e os demais.

– Sequenciar números, como, por exemplo, o que vem antes do 11 e depois do 15 (antecessor e sucessor).

– Classificar números.

– Dificuldade na memória de trabalho.

- Dificuldade de memória em tarefas não-verbais.
- Dificuldade na soletração de não-palavras (tarefa de escrita).
- Dificuldade na memória de trabalho que implica contagem.
- Dificuldade nas habilidades viso-espaciais.
- Dificuldade nas habilidades psicomotoras e perceptivo-táteis.
- Montar operações.
- Contar através dos números cardinais e ordinais.
- Estabelecer correspondência um a um: não relaciona o número de alunos de uma sala à quantidade de carteiras.

## **F) Acalculia**

A acalculia também é uma dificuldade relacionada às habilidades matemáticas e está diretamente ligada à discalculia. O aluno não tem dificuldade com elementos como a contagem, mas sim em como relaciona isso com o mundo que a cerca. A acalculia ocorre quando o indivíduo, após sofrer lesão cerebral, como um acidente vascular cerebral ou um traumatismo crânio-encefálico, perde as habilidades matemáticas já adquiridas. A perda ocorre em níveis variados para realização de cálculos matemáticos.

## **G) Gagueira**

Ainda hoje não se sabe ao certo quais são as causas da gagueira. Ela é um distúrbio ligado às dificuldades da fala e pode prejudicar o cotidiano daqueles que a possuem. Devido à sua incidência, às dificuldade que pode causar na aprendizagem e à importância de saber como lidar com ela, julgou-se relevante abordá-la neste material.

Esse distúrbio é caracterizado por uma fala que envolve bloqueios, hesitações, prolongamentos e repetição de sons, sílabas e palavras. A fala também pode ser acompanhada de tensão muscular, piscar de olhos, irregularidades na respiração e caretas. Os alunos sentem grande dificuldade para achar o que será dito, fazendo repetições de palavras até encontrarem uma saída.

Algumas de suas possíveis causas são: Genética/Hereditariedade; Alterações cerebrais; Prematuridade; Distúrbio no sistema nervoso central; Freio da língua muito curto; Traumas de nascimento; Infecções ou Problemas emocionais

Os alunos com gagueira devem ser reconhecidos e aceitos como normais. Não se pode humilhar ou criticar uma criança por falar dessa maneira, afinal ela não tem conhecimento acerca da causa do seu erro e, atitudes como essas, apenas o deixa mais nervosa, aumentando a sua dificuldade de fala. Portanto, é preciso manter as crianças em boas condições físicas, ambientes familiares saudáveis e com bons exemplos de fala. É importante que elas desenvolvam sua autoconfiança, através do destaque de suas aptidões e da minimização de suas deficiências.

A fala é uma das coisas mais esperadas pelos pais de crianças pequenas, independentes de quantos filhos eles já tenham, essa expectativa sempre existe. Por isso, eles sempre ficam repetindo palavras o tempo todo e, conforme o tempo vai passando, começam a fazer isso com frases maiores. Assim, as palavras vão sendo gradualmente juntadas e cada passo é motivo de felicidade para os pais e demais familiares ou responsáveis.

Diante dessa empolgação, os pais podem perceber determinadas falhas na fala de seus filhos. No entanto, a maior parte deles, demora em procurar a ajuda e opinião de especialistas no assunto. Eles sempre tendem a buscar uma causa muito depois do começo da gagueira e, até este momento, criam desculpas para si mesmos acreditando que seja apenas uma fase ou algo normal nas crianças pequenas. Esse comportamento apenas dificulta a aplicação de técnicas capazes de auxiliar no desenvolvimento dessas crianças. As características da gagueira complicam-se com o passar do tempo, pois o sujeito acaba se adaptando ao seu modo de falar, embora nunca esteja satisfeito consigo mesmo por não ser capaz de participar de uma conversa por mais simples que ela possa parecer.

Os professores também têm um papel de suma importância no desenvolvimento dos alunos com gagueira. Eles podem agir em sala de aula através de ações como aceitar a criança e manter uma postura objetiva em relação ao seu problema; eliminar ao máximo as dificuldades e interrupções da criança e motivar as demais a fazerem isso também; criar um ambiente calmo e sereno evitando tensões; evitar falas rápidas; dando ênfase às habilidades que ela possui; encorajando-a a falar, mas sem forçá-la.

Existem determinadas terapias usadas no tratamento da gagueira. Algumas delas estão dispostas a seguir.

## **Terapias da gagueira**

A terapia é algo que ajuda o paciente a diminuir aquilo em que ele apresenta dificuldades, no caso da gagueira, a fala. Existem diversos tipos de terapia para este distúrbio. Abaixo estão descritas algumas técnicas:

### Técnica “Sombreado”:

Na aplicação desta técnica, faz-se uma gravação com a voz de alguém e o detentor de gagueira a escuta através de fones de ouvido. Ele tem que repetir imediatamente o que escuta em voz baixa, de modo que escuta e fala quase ao mesmo tempo. Isso permite que ele alcance a fluência através da repetição.

### Técnica “Feedback auditivo retardado” (FAR):

Essa técnica se dá através de um gravador magnético onde é possível, com uma aplicação conveniente, levar o paciente a ouvir a própria voz, através de fones de ouvido, cerca de 1/5 (um quinto) de segundos após haver falado.

### “Terapia da silabação”:

Aqui o paciente aprende a empregar o mesmo tempo e a mesma tonicidade em cada sílaba. Por exemplo: “Meu nome é Jonathan” poderia ser transformado em “Meu nome é Jo na than”, o que aparenta ser mais fácil na aprendizagem e muitos pacientes ao praticarem, acabam deixando a fala natural.

### Técnica “metrônomo eletrônico”:

O paciente recebe um sinal através de um fone no ouvido, que pode ter a sua velocidade controlada. O mesmo precisa aprender a harmonizar o ritmo da sua fala com o sinal do instrumento.

O tratamento para crianças pequenas possui técnicas específicas e deve-se procurar por profissionais capacitados que saibam lidar com elas. Normalmente, esse processo deve começar por volta dos cinco anos de idade, antes da entrada para a escola.

Os pais e demais familiares devem aprender a não demonstrar nenhuma reação com relação à forma de falar da criança. Dizer frases como “não tenha pressa” ou “respire fundo” pode fazer com que a criança perceba o seu próprio problema e inibir a sua vontade de praticar a fala. Para que ela se sinta livre para gaguejar, é preciso eliminar a pressão. Também não se pode esquecer que a melhora da gagueira é um processo e, portanto, não se pode ter pressa, mas sim permitir que ela melhore gradualmente.

## **H) Déficit de Atenção**

Conhecida como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), esse distúrbio é caracterizado, principalmente, pela desatenção, pela agitação e pela impulsividade. Crianças hiperativas são capazes de aprender, mas encontram dificuldades no desempenho escolar devido ao impacto que seus sintomas causam.

Para essas crianças, concentrar-se é algo complicado. Elas se distraem com facilidade, esquecem de suas obrigações, perdem e esquecem objetos com frequência, têm dificuldades em

seguir instruções e se organizarem, falam de maneira excessiva a ponto de não serem capazes de esperar a sua vez, o que as leva a responderem perguntas antes mesmo de serem concluídas.

A hiperatividade também pode ser caracterizada por um descontrole motor acentuado, que faz com que as crianças tenham movimentos bruscos e inadequados, mudanças de humor e instabilidade afetiva.

O distúrbio está ligado à produção de neurotransmissores (substâncias produzidas no sistema nervoso central, responsáveis pela regulação do mesmo). Todos os seres humanos possuem uma área no cérebro que desenvolve o equilíbrio entre a percepção, a estimulação ambiental e a capacidade de resposta do cérebro a tudo isso. Quando ocorre uma deficiência nesse processo como, por exemplo, na produção de substâncias como a dopamina, é gerada uma falta de equilíbrio nesse sistema. Daí origina-se o TDAH.

A hiperatividade costuma melhorar ou até mesmo desaparecer em grande parte das crianças quando elas atingem a puberdade, embora, em alguns casos, possa continuar na adolescência e na vida adulta. Existem algumas crianças que possuem maior propensão a ter estes problemas como os filhos de pais hiperativos, irmãos de pessoas hiperativas e os irmãos gêmeos.

Além da deficiência na produção de neurotransmissores, a hiperatividade também pode ser causada por outros motivos como a ansiedade, frustrações, depressões, criação imprópria e outros.

O TDAH afeta as crianças na escola, no ambiente familiar, na comunidade e também pode prejudicar o seu relacionamento com professores, colegas e familiares. Os sintomas mais encontrados podem ser divididos entre desatenção e hiperatividade/impulsividade e, muitas vezes, também pode haver uma mistura entre os dois.

## **Hiperatividade/Impulsividade**

— Dificuldade para se manter parada ou sentada, corre sem destino ou sobe excessivamente nas coisas, inquietação, mexendo com as mãos e/ou pés, ou se remexendo na cadeira, age como se fosse movida a motor, é “elétrica”, fala excessivamente, dificuldade em engajar-se numa atividade silenciosamente, responde a perguntas antes mesmo de serem formuladas totalmente, interrompe frequentemente as conversas e atividades alheias, dificuldade em esperar sua vez em filas e brincadeiras e corre sem destino ou sobe excessivamente nas coisas.

## **Desatenção**

— Não sabe onde colocou as coisas, dificuldade em manter a atenção, distrai-se com facilidade, parece não ouvir, não enxerga detalhes ou comete erros por falta de cuidado, dificuldade em seguir instruções, não gosta e evita tarefas que exigem um esforço mental prolongado, dificuldade de organização, frequentemente perde ou esquece objetos necessários e esquece rapidamente o que aprende.

Existem ainda algumas crianças que apresentam algumas características ligadas a esse distúrbio, mas em quantidade insuficiente para que se possa realizar um diagnóstico completo. No entanto, essas características são capazes de desequilibrar a vida diária. Além dos sintomas citados, pode-se considerar:

— Choros inexplicáveis nos primeiros meses; Baixa autoestima; Depressões freqüentes; Caligrafia de difícil entendimento; Mudanças rápidas de interesse (começam várias coisas e não terminam) e Dificuldades de relacionamento

Existem estágios avançados e reduzidos desse distúrbio. Para cada um deles há um tratamento diferenciado. Em estágios avançados, especialistas indicam o uso de medicações. Em outros, simples programas de modificação do comportamento são capazes de diminuir o nível de atividade ou desatenção.

Para diagnosticar o TDAH, os sintomas devem interferir de forma significativa na vida da criança através de um comportamento crônico que se repita em diferentes ambientes, por exemplo.

Esse diagnóstico precisa passar por uma ampla avaliação. Afinal, alguns dos sintomas também podem ser indicadores de outros tipos de distúrbios. O importante é que seja feito um histórico cuidadoso onde são incluídos dados recolhidos de professores, pais e outros adultos que tenham contato com a criança avaliada. A avaliação também deve contar com um levantamento do funcionamento intelectual, social, emocional, acadêmico e médico obtidos com a ajuda de profissionais como o neuropediatria e outros capazes de realizar testes psicológicos e neurológicos.

A hiperatividade normalmente aparece na primeira infância e atinge uma parcela pequena da população, independente do grau de inteligência, o nível de escolaridade ou a classe social.

O tratamento de crianças com TDAH demanda a intervenção psicológica, pedagógica e médica. Uma abordagem que envolva todas essas áreas do conhecimento origina um processo de treinamento dos pais para controlar o comportamento dos filhos, um programa pedagógico adequado e possíveis medicamentos. Existem diversos programas para pais de crianças com TDAH, bem como uma diversidade de vídeos e outros materiais com dados a respeito das dificuldades e estratégias efetivas que podem ser usadas no ambiente familiar.

Os pais devem recompensar as crianças quando se comportam de forma adequada.

Elas precisam de respostas imediatas, frequentes, previsíveis e coerentes aplicadas ao seu comportamento. Além disso, também necessitam de mais tentativas para aprender.

Quando conseguem terminar uma tarefa ou outros tipos de atividades, devem ser recompensadas.

Os professores e a escola também possuem um papel essencial no desenvolvimento das crianças. O sucesso da sala de aula pode exigir uma série de intervenções. A maior parte das crianças hiperativas pode continuar na classe regular com pequenas adaptações no ambiente estrutural como a modificação do currículo e estratégias adequadas. Apenas crianças com problemas muito mais sérios podem exigir salas de aula especiais.

Alguns alunos com TDAH precisam ter algo em mãos para dar um foco para a sua atenção. Também pode surgir efetivo combinar algo que passe despercebido (como música de fundo), circular pela sala e a proximidade física para controlar e avisar os alunos (mãos no ombro, contato de olhar, toque na carteira).

Além disso, também se pode criar opções de atividades para os alunos que terminam seus deveres mais cedo para evitar problemas como o tédio. Nesse processo, é de extrema importância que se tenha cuidado para não pedir que eles façam trabalhos que não sejam capazes de realizar com êxito, pois isso pode gerar frustrações.

Deve-se certificar que as atividades são estimulantes e que os alunos compreendem a lição, através de técnicas eficientes e providenciando, ainda, oportunidades para que essas crianças possam se mover dentro da sala de aula nos intervalos entre as atividades.

## 2.4 Outras origens das dificuldades de aprendizagem

Elementos como o Autismo, a Síndrome de Down, a Deficiência Mental, a Síndrome de Asperger e outros, também causam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem para aqueles que os possuem.

Eles não implicam apenas em dificuldades específicas como, por exemplo, a compreensão da matemática, mas tornam difícil todo o processo de aprendizagem, independente da área em que se aplica, ou seja, implicam em dificuldades globais. Vejam:

### 2.4.1. Autismo

O autismo é uma desordem global que causa reações como, por exemplo, o não desenvolvimento normal da inteligência. Isso se situa na dificuldade de desenvolver relações sociais normais e em comportamentos compulsivos e ritualísticos. Embora algumas pessoas tenham inteligência e fala intacta, outras possuem sérios retardos em seu desenvolvimento da linguagem.

Existem alguns mitos que envolvem o autismo como o de que pessoas autistas vivem em seus próprios mundos, fechadas para as outras pessoas e interagindo apenas com o ambiente por elas criado. Essa crença se deve ao simples fato desses indivíduos encontrarem dificuldades para se comunicar, não conseguindo iniciar, manter ou terminar uma simples conversa.

Algumas características que podem ser encontradas em indivíduos com autismo são:

- Dificuldade de relacionamento com outras pessoas, riso inapropriado, pouco ou nenhum contato visual, insensibilidade à dor, preferência pela solidão, ausência de respostas aos métodos normais de ensino, insistência em repetição, resistência à mudança de rotina, não têm real medo de perigo, repetem palavras ou frases em lugar da linguagem normal (Ecolalia), recusam colo ou carinhos, agem como se estivessem surdos, demonstram extrema aflição sem razão aparente e habilidade motora irregular.

Essas são características possíveis de serem encontradas em pessoas autistas, porém, é preciso lembrar que elas nem sempre se manifestam da mesma forma em todos os indivíduos, podendo sofrer variações. Elas também podem ser diferentes de acordo com a faixa etária, de onde surge a importância da ajuda de especialistas para o diagnóstico e o aconselhamento sobre as maneiras adequadas de lidar com o autismo.

Os exames para detectá-lo são realizados em clínicas especializadas. Pode ser necessária uma série de testes como, por exemplo, os auditivos, os que detectam alergias alimentares e outros essenciais para a elaboração de um diagnóstico preciso. Os tratamentos variam de caso a caso de acordo com as necessidades de cada um e seu respectivo quadro clínico.

Normalmente, os autistas têm uma expectativa de vida alta quando comparados à média da população. Porém, os transtornos causados nessas pessoas estão presentes o tempo todo e não há possibilidades de alterar esse quadro, mas apenas lidar com ele de maneira adequada.

Esses indivíduos devem estar em contato com profissionais capazes de lidar com os mesmos como os especialistas em pediatria, neurologia, psiquiatria, psicologia, pedagogia, terapia ocupacional, fisioterapia e outros. A orientação familiar também é um fator fundamental e a base de tratamentos terapêuticos.

Não existem tratamentos ou medicamentos específicos para o autismo, mas é preciso que os indivíduos responsáveis e que convivem com pessoas autistas se empenhem em ajudar no seu desenvolvimento com competência e compreensão.

#### **2.4.2. Síndrome de Asperger**

Esta síndrome está ligada ao autismo, diferenciando-se dele por não causar dificuldades globais no desenvolvimento cognitivo (apreensão do conhecimento) e na linguagem das pessoas. Porém, essa diferença não é suficiente para determinar se um indivíduo é autista ou possui síndrome de asperger, afinal, alguns deles também podem apresentar dificuldades na comunicação, da mesma forma que determinadas crianças autistas também são capazes de desenvolver a fala.

As crianças inicialmente têm um desenvolvimento aparentemente normal, mas, no decorrer dos anos, acabam se tornando monótonas, com características peculiares e apresentam, com frequência, preocupações obsessivas. Sua capacidade de interagir com as outras crianças se torna mínima, pois elas têm um comportamento que caminha no sentido de distanciar-se das pessoas. Sua forma de se vestir também pode parecer estranhamente alinhada e a grande dificuldade de socialização, tende a torná-la solitária. Indivíduos com essa síndrome também apresentam prejuízos na coordenação motora e na percepção viso-espacial. Comparando-se às demais crianças, eles podem aprender coisas na idade própria, outros cedo demais e alguns podem aprender tarde demais ou apenas quando são cuidadosamente ensinados.

As medidas para lidar com portadores dessa síndrome se aproximam muito do tratamento destinado aos autistas, já que a melhor maneira de fazê-lo, independente da síndrome ou distúrbio, é através da procura de profissionais especializados, do envolvimento da família e outras.

#### **2.4.3 Deficiência mental**

A deficiência mental, também chamada de deficiência intelectual, aponta problemas que se situam no cérebro, causando uma baixa aquisição e produção de conhecimento, ou seja, provocando no sujeito dificuldades de aprendizagem devido ao baixo nível intelectual.

Elas podem ser causadas por inúmeros fatores como questões de ordem genética; complicações ocorridas ao longo da gestação, do parto ou nos pós-natais e outros. Esses acontecimentos comprometem as funções intelectuais da criança e tem repercussões para toda a vida.

É importante que não se confunda a deficiência mental como uma doença mental. O portador de necessidades especiais mantém a percepção de si mesmo e da realidade que o cerca, sendo capaz de tomar decisões importantes sobre assuntos da sua vida. Já o doente mental, tem o discernimento comprometido necessitando de apoios maiores no seu cotidiano.

Existe uma parcela entre os portadores de deficiência mental que manifestam algum tipo de ligação com problemas como a síndrome do pânico, a depressão, a esquizofrenia e outros. Isso acontece porque as deficiências mentais podem atingir o comportamento dos indivíduos, já que lesam áreas cerebrais como as responsáveis pelo poder de concentração e o humor.

É importante que pessoas com essa deficiência não sejam "bajuladas" por seus familiares, pois esse tratamento pode impedir que elas desenvolvam sua independência, fazendo com que as mesmas sempre precisem de ajuda ainda que para realizarem simples atos, limitando a sua capacidade de se relacionar com a sociedade. Assim, é preciso que se dedique a elas a atenção necessária, dosando-a na medida certa.

#### 2.4.4. Síndrome de Down

A síndrome de Down é causada por alterações genéticas que podem ter três origens diferentes:

— **Trissomia 21:** Esta é a causa mais comum presente na síndrome de Down. As pessoas possuem 47 cromossomos em todas as células. Isso acontece em 95% dos casos.

— **Mosaico:** Problema genético pouco conhecido caracterizado por uma alteração genética que compromete apenas parte das células, ou seja, algumas células têm 47 e outras 46 cromossomos.

— **Translocação:** Acontece quando o cromossomo extra do par 21 "gruda" em outro cromossomo. Embora o indivíduo tenha os 46 cromossomos, ele será portador da Síndrome de Down em função desta alteração.

### 3. Outros causadores das dificuldades de aprendizagem

Até aqui já foram discutidos aspectos fundamentais sobre os distúrbios de aprendizagem. As principais características, causas e formas de tratamento. Porém, além de elementos como as disfunções cerebrais, os problemas genéticos, o baixo QI, deficiências visuais e auditivas, problemas motores, questões alimentares e outros, existem determinados componentes ligados ao processo de ensino-aprendizagem que são causadores de várias dificuldades encontradas pelos indivíduos em qualquer faixa etária. Tais componentes fazem com que o ato de aprender seja complicado tanto para crianças que possuem os distúrbios já vistos, como para crianças, adolescentes e jovens que se apresentam fisicamente normais, sem deficiências de inteligência, que não são afetados por características genéticas ou outros problemas.

Assim, a partir de então estaremos analisando algumas causas das dificuldades de aprendizagem de maneira mais ampla, através da abordagem de aspectos estruturais globais e locais que são capazes de causar impactos no processo de ensino aprendizagem como as características da educação brasileira, os conflitos da família brasileira, a formação dos educadores, entre outros. Embora todos esses fatores estejam intimamente ligados, eles serão, a partir desse momento, abordados em suas particularidades.

### 3.1. A Educação Brasileira

A educação brasileira é conhecida de maneira geral pela população como sendo deficiente em diversos âmbitos. No entanto, sabe-se da sua fundamental importância para o desenvolvimento dos cidadãos de forma individual e, também, para o desenvolvimento da nação como um todo. A aquisição do conhecimento não é apenas requisito para alcançar uma vaga no mercado de trabalho, mas é também fundamental para o enriquecimento cultural, para a realização de transformações sociais efetivas, a valorização da ética e da moral e a construção da cidadania.

Embora tenha melhorado com o passar dos anos, ao analisar o histórico de desenvolvimento da educação no Brasil, pode-se perceber que a preocupação com as suas melhorias, bem como com a democratização do ensino e o consequente acesso a ele por uma quantidade infinitamente maior de pessoas, é relativamente recente. Há algum tempo, apenas uma pequena parcela da sociedade, pertencente à elite social brasileira, tinha possibilidades de acesso à educação.

A democratização do ensino, embora seja algo positivo e de progresso, fez com que, em pouquíssimo tempo, a educação tivesse que atender a uma quantidade imensa de alunos. Essa necessidade repentina fez com que os sistemas educacionais não fossem capazes de oferecer vagas nas escolas e, ao mesmo tempo, manter a qualidade do ensino.

Essa experiência não muito longa acarreta também em dificuldades para a tomada de decisões como, o quanto se deve investir na educação, quais são suas prioridades e os problemas que precisam de uma solução com mais urgência, quais os melhores métodos a serem aplicados no processo de ensino-aprendizagem e muitas outras.

Quando comparado a outros países, tem-se que o Brasil é uma das nações que mais investe na área da educação. Existe uma divergência entre profissionais desta área quanto a isso. Uma parcela deles acredita que os valores destinados à educação são insuficientes e deveriam ser aumentados, enquanto a outra tem a opinião de que os valores estão adequados, mas o país, devido à sua inexperiência, não sabe como aproveitar da melhor forma tais verbas. De qualquer forma, independente de qual postura esteja correta, o que se apresenta é uma educação deficiente e carente de melhorias.

O aperfeiçoamento do processo de ensino exige análises, pesquisas e experiências capazes de mostrar quais são as melhores metodologias para lidar com a educação brasileira, afinal, apesar de ter investido na educação, o país continua apresentando ainda hoje altos índices de analfabetismo. É ilusão pensar que nossos problemas se resolvam apenas com capital, pois é preciso muito trabalho para realizar grandes transformações.

Isso mostra que o Brasil pode ter aprendido a gastar, mas ainda tem que descobrir a ensinar efetivamente.

Essa deficiência não se limita ao ensino público, mas abrange também as escolas privadas. Isso porque, apesar de possuírem mais recursos e verbas para destinarem ao seu próprio desenvolvimento, são obrigadas a seguirem os programas educacionais do governo no que diz respeito à estrutura das séries, aos critérios de aprovação e reprovação de alunos, aos conteúdos programáticos e outros que também são deficientes e se constroem de características insuficientes para o ensino de qualidade.

Nas instituições de ensino público, o problema é ainda mais complexo. Além de possuírem os obstáculos encontrados pelas escolas privadas, elas também precisam lidar com um número insuficiente de professores e outros profissionais, materiais inadequados, péssimas condições físicas, ausência de recursos, ausência de suporte para as crianças que possuem necessidades especiais e muito mais.

Além dessas questões não serem consideradas como prioridades para o poder público, a educação pode ser caracterizada como tecnicista e desligada da realidade, ou seja, acaba por levar em conta na construção de seus conteúdos apenas aspectos ligados às exigências técnicas do mercado de trabalho, esquecendo-se de considerar as características peculiares de cada indivíduo e ainda, que o desenvolvimento de outros valores é essencial para a sociedade, tanto no próprio mercado de trabalho, como em outros âmbitos.

Existem ainda outras contradições quando se fala na educação brasileira. Apesar de ser um dos países que mais investe nessa área, o Brasil também é o local em que as crianças passam menos tempo na escola. Considerando que os alunos, em grande parte dos países desenvolvidos, passam muitas horas a mais no ambiente escolar, parte-se do pressuposto de que o aumento do tempo em sala de aula ou em outros ambientes educativos é capaz de proporcionar aos alunos novas oportunidades para que se desenvolvam e atinjam seus objetivos.

### **3.2. A Escola**

Os problemas da escola estão ligados às deficiências gerais apresentadas no item anterior no que diz respeito às questões gerais da educação brasileira. Porém, no interior das instituições de ensino estão presentes determinadas adversidades que podem ser resolvidas localmente e serão discutidas a seguir.

Um dos fatores que dificultam o processo de ensino-aprendizagem e recaem sobre as crianças é a prática que a maior parte das escolas tem em culpar os pais, professores e alunos pelo fracasso escolar e nunca assumirem ao menos parcela da culpa. Pois, como já foi dito, a eficiência da educação depende de uma relação de fatores e, sendo assim, certamente a escola não deve estar isenta de suas responsabilidades.

É claro que, se os cidadãos vêem a escola como o local em que o conhecimento acontece, os trabalhadores adquirem os subsídios de que precisam, e os valores éticos e morais são incorporados pelos indivíduos, ela precisa ter uma boa gestão. Tal gestão deve ser focada em uma integração entre o âmbito administrativo e pedagógico. A separação entre essas áreas dá origem a um equívoco comum entre os profissionais da educação: o de que o baixo desempenho dos alunos não está, de forma alguma, ligada à execução ineficiente de seus trabalhos.

É de extrema importância evitar que as crianças sejam impossibilitadas de aprender e se desenvolverem simplesmente por estarem fora dos padrões estabelecidos para todos. Indivíduos com distúrbios terão seus problemas incompreendidos e agravados por falta de atuação adequada. Disso resulta também a dificuldade em dizer se uma criança realmente possui um distúrbio de aprendizagem ou simplesmente não consegue se adaptar aos métodos de ensino a que está submetida. Alguém com falhas na percepção visual, por exemplo, encontra maiores dificuldades em escrever com letra cursiva (letra de mão), pois os intervalos entre as letras não existem, tornando mais difícil ver os contornos das mesmas. Os métodos que não funcionam com todos os alunos, fazem com que crianças com distúrbios fracassem com mais frequência e acabem marginalizadas.

A seguir estão listados alguns elementos característicos, principalmente das escolas da rede pública de ensino, que constituem agravantes para todas as crianças e, mais especificamente, para as que lidam diariamente com os distúrbios de aprendizagem:

#### **Na Primeira Infância:**

- \_\_ A quantidade de crianças matriculadas na pré-escola não é adequada ao espaço existente.
- \_\_ A quantidade de educadores é insuficiente diante do número de alunos.
- \_\_ As escolas não possuem espaços adequados para crianças pequenas como salas para dormir e espaços específicos de recreação.

#### **No Ensino Fundamental e Médio:**

- \_\_ Não existem salas de aula adequadas para todos os tipos de alunos.
- \_\_ Ausência de profissionais qualificados como os psicólogos, que sejam capazes de ajudar os alunos fora do ensino regular.
- \_\_ Nem sempre existem adaptações no espaço físico como rampas e banheiros adequados para deficientes físicos ou alunos com dificuldades motoras.

Quanto aos materiais didáticos, não é necessário uma grande quantidade de recursos para torná-los melhores. Salas de aula normais com materiais para crianças que não conseguem seguir o mesmo ritmo de aprendizado dos demais alunos ou, ainda a formação de duas ou três salas de aula na escola e materiais específicos para tais crianças poderiam resolver grande parte dos problemas.

### 3.3. Os Professores

A partir daqui discutiremos o cenário que envolve os professores e demais educadores que, embora também sejam vítimas das deficiências da educação, são responsáveis, mesmo que indiretamente pela intensificação dos distúrbios de aprendizagem em um grande número de alunos.

O processo deficiente de educação pelo qual passa a maior parte das pessoas acaba por formar profissionais também deficientes em suas capacidades. Assim, cria-se um círculo vicioso em que jovens mal formados iniciam uma carreira que requer determinadas vivências e compreensões, o que resulta em uma atuação que também fará com que os alunos saiam da educação básica igualmente maus formados.

Muitos dos que cursam o ensino fundamental na rede pública de ensino apresentam grandes dificuldades em aprender a ler e escrever por não terem esse domínio. Os professores não possuem conhecimentos suficientes para fazer um diagnóstico correto sobre os problemas que enfrentam e apresentam dificuldades em fornecer orientações úteis aos pais para que possam procurar a ajuda de especialistas.

O papel dos professores diante da posição que ocupam é fundamental o que faz com que os mesmos tenham conhecimentos não apenas acerca de conteúdos teóricos básicos, mas também que saibam lidar com a heterogeneidade de alunos com que têm contato diário, sendo capaz de identificar as suas qualidades e dificuldades e adequar a melhor forma de se trabalhar com eles.

Uma má formação do professor origina uma didática ineficiente impedindo que os alunos construam um conhecimento real. Porém, esses profissionais às vezes também são vítimas de um sistema cheio de falhas tendo que trabalhar sob más condições e baixos salários, sem poder contar com qualquer auxílio para renovar e multiplicar seus conhecimentos, além de enfrentarem um sistema falho em recursos didáticos ou outros elementos que colaboram para com o processo de ensino-aprendizagem.

### 3.4. A Família

Não é preciso dizer que o núcleo familiar constitui também uma estrutura fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer criança. Porém, sabe-se que a família brasileira encontra diversos tipos de problemas em seu interior. Os conflitos familiares podem ser causadores de dificuldades de aprendizagem nas crianças que não as possuem e, intensificar, os problemas que os alunos com distúrbios já enfrentam.

Existem diferentes tipos de famílias. Algumas delas são mais presentes na vida das crianças e, outras, não se importam muito com o que elas fazem ou deixam de fazer. No entanto, essas diferenças podem auxiliar ou dificultar de forma intensa, não apenas os aspectos comportamentais da vida das crianças, mas também a sua vivência escolar.

A ajuda dos pais ou demais responsáveis no processo de ensino-aprendizagem das crianças é, portanto, outro elemento diferenciador capaz de levá-las ao sucesso escolar e, isso é válido tanto para as crianças que possuem capacidades normais de aprendizagem, como para aquelas detentoras de determinado distúrbio.

Muitos aspectos estão ligados a essa relação entre família, aprendizagem e sucesso escolar e todos eles têm uma influência no todo. A escolaridade dos pais é um deles. Como se sabe, a porcentagem de brasileiros com formação superior é muito restrita frente à população total. Isso acaba por reproduzir este quadro, afinal, é muito mais fácil que pais que saibam da importância do conhecimento e da escolaridade porque passaram por ela, se empenharem em incentivar e ajudar os seus filhos nesse processo do que pais, que, possuindo um nível baixo de escolaridade, têm

menos chances de darem o suporte necessário às suas crianças. Os primeiros ao terem passado por processos parecidos na vida escolar e acadêmica, procuram ler com seus filhos, incentivá-los a buscar o sucesso escolar e lhes mostrar a importância do mesmo, bem como, têm mais probabilidades de reconhecer um distúrbio de aprendizagem quando ele se manifesta e, consequentemente, procurarem a ajuda de especialistas. Já os segundos, não tendo passado por tantas experiências escolares, podem não atribuir a elas a devida importância e, dessa forma, refletir isso em seus filhos.

Existe entre os responsáveis uma carência de informações sobre o que realmente acontece na vida de suas crianças, além de existir também uma defasagem de informações sobre o que constituem os distúrbios de aprendizagem. Quando eles se manifestam, pais caracterizados dessa forma se sentem, ao menos parcialmente, culpados pela condição das crianças. Alguns chegam até mesmo a entrar em pânico.

Essas reações imobilizam os responsáveis e privam a criança da ajuda que precisa. Existem mais alguns aspectos possíveis de serem encontrados nos núcleos familiares que também são grandes causadores ou intensificadores das dificuldades de aprendizagem. Veja abaixo uma parte deles:

— Famílias desorganizadas que permitem um excesso de atividades extra-escolares na vida das crianças como muito tempo na frente de computadores, videogame, televisão e, consequentemente, a ausência de uma rotina de estudos.

— Pais com problemas como, por exemplo, o alcoolismo.

— Pais demasiadamente exigentes projetam em seus filhos problemas emocionais graves.

— A superproteção característica de certos responsáveis pode criar crianças dependentes e incapazes de solucionar problemas sozinhas.

— Filhos de pais separados também encontram maiores chances de desenvolver ou intensificar as dificuldades de aprendizagem. Essas crianças demonstram uma grande necessidade de serem compreendidas.

Existem ainda as dificuldades causadas por substâncias químicas a que os responsáveis, tendo maior contato com as crianças precisam estar atentos. Medicações como antialérgicos ou antiasmáticos, causam sonolência e interferem na aprendizagem, bem como drogas como o álcool em adolescentes também têm grandes influências na sala de aula.

## **4 – Lidando com crianças com Distúrbios de Aprendizagem**

A partir de então vamos conhecer de maneira mais geral que tipos de características ou atitudes observadas nas crianças devem constituir motivos de preocupações e atitudes que busquem suas causas e formas de superação. Veremos também a importância dos papéis de cada um daqueles que convivem e são, em maior ou menor intensidade, responsáveis pelo sucesso de tais indivíduos.

### **4.1. Como Detectar os Distúrbios de Aprendizagem**

Para perceber quando uma criança ou jovem é detentor de um distúrbio de aprendizagem, é preciso uma série de cuidados. Ao conhecer minimamente, elementos que podem ser indicadores fica mais fácil buscar um diagnóstico mais preciso e buscar o auxílio de profissionais especializados.

Para isso é preciso observar minuciosamente as crianças quando elas brincam, ouvir o que as mesmas têm a dizer, ouvir suas conversas com os colegas, tentar perceber como elas enxergam o mundo ao seu redor, como organizam o seu modo de pensar, qual a sua lógica, bem como, deve-se permitir que elas manipulem objetos, que movimentem e aprendam diferentes coisas.

Como já foi dito, os distúrbios de aprendizagem costumam ser detectados na fase escolar da criança, quando passam a ser impostas as exigências específicas da aprendizagem. Antes de tudo, é preciso ter certeza que a dificuldade da criança não é motivada por problemas de visão ou audição, afinal, esses problemas podem ser resolvidos de forma mais prática. Muitos indivíduos que apresentam alguns desses problemas acabam sendo submetidos a exames desconfortáveis e climas não muito saudáveis desnecessariamente. Por isso, é preciso averiguar cuidadosamente

cada uma das possíveis causas. Para isso, faz-se necessário que todos os envolvidos no processo de aprendizagem estejam atentos às dificuldades das crianças e observem se as mesmas são momentâneas ou persistem em diversos momentos, ambientes e atividades. É fundamental perceber o problema o mais cedo possível, pois o comportamento da criança pode variar grandemente de acordo com o tratamento que receber na escola e em casa.

Existem alguns critérios básicos que ajudam a diagnosticar um distúrbio de aprendizagem:

- 1) Apresentar problemas de aprendizagem em uma ou mais áreas
- 2) Apresentar uma grande diferença entre o seu potencial e o desempenho real
- 3) Apresentar um desempenho irregular (a criança alcança os objetivos e, em outro momento, não consegue realizar a mesma tarefa).

Quando essas características são observadas, deve-se buscar uma avaliação mais profunda em que a criança é submetida a uma série de provas que considerem todas as capacidades, habilidades e aptidões necessárias para a aprendizagem. Exames psicológicos e neurológicos também são capazes de detectar determinados problemas precocemente.

A seguir estão colocadas algumas características que podem ser observadas em crianças e adolescentes em diferentes estágios escolares.

## **Educação Infantil**

Problemas na aprendizagem de números, alfabeto e dias da semana; Dificuldades em seguir rotinas; Falta de persistência nas tarefas; Problemas em se manter sentado quando necessário; Problemas de articulação; Falta de interesse em ouvir histórias; Problemas na aquisição de comportamentos autônomos como amarrar o tênis; Relutância para desenhar; Problemas na noção de direita e esquerda e Dificuldades nas interações sociais.

## **Ensino Fundamental**

Dificuldades para recordar fatos; Problemas com conceitos matemáticos; Problemas de organização; Soletração pobre; Lenta aquisição de novas aptidões; Impulsividade; Erros cometidos por falta de atenção; Instabilidade na preensão do lápis; Problemas na forma da letra e na pressão do traço no papel e Problemas com a noção de tempo.

## **4.2. O Papel dos Pais**

Não é preciso dizer que o cumprimento do papel dos pais, de outros responsáveis e demais familiares é fundamental no processo de desenvolvimento de todas as crianças, mas, principalmente, daquelas que possuem maiores dificuldades.

Em primeiro lugar, os pais deveriam conhecer as capacidades e as dificuldades dos seus filhos, considerando as atividades em que eles se dão bem e aquelas que se tornam mais complicadas de serem realizadas. Na posição de educadores que estes também ocupam, faz-se necessário conhecer os distúrbios de aprendizagem e, quando isso existe dentro de suas casas, é preciso encontrar programas e demais formas de superação para ajudar tais crianças tanto em casa, como na escola. Existe uma grande carência de informações entre a maior parte dos pais sobre o que realmente acontece com os seus filhos e, por isso, a busca por esses conhecimentos se faz importante.

Após o percepimento de que existe uma dificuldade de aprendizagem, as causas que as geram devem ser determinadas e, a partir de então, é possível buscar as ferramentas adequadas para corrigi-las. É claro que, como já foi dito durante este estudo, as causas variam muito de pessoa para pessoa, de forma que até mesmo a ciência encontra dificuldades em dar respostas e soluções para esses problemas, o que demanda um cuidado muito mais intenso.

Ao conhecer as dificuldades das crianças e procurar a ajuda de especialistas, o próximo passo é informar os professores a respeito dos distúrbios dos filhos e oferecer recursos, compreensão e apoio. É imprescindível procurar a escola e, juntamente com os professores, trabalhar de maneira adequada o conteúdo escolar para não desmotivar a criança.

Diante desse cenário, é importante recompensar o comportamento e desempenho da criança, através de elogios e incentivos para superarem seus obstáculos. Atitudes como punições e repreensões são capazes apenas de causar medo e baixa autoestima nas crianças. É preciso estabelecer limites e caminhar firmemente, mas sempre mantendo o equilíbrio.

Existem pais que acabam, de alguma forma, se sentindo culpados pelo fracasso escolar dos filhos e chegam até mesmo a entrar em pânico. Porém, essas reações fazem com que eles fiquem imobilizados e privem as crianças da ajuda que precisam. Eles devem assumir atitudes firmes no sentido de adotar uma rotina diária organizada.

As crianças com distúrbios de aprendizagem devem ser elogiadas por qualquer bom desempenho, sem deixar de lado a disciplina. Elas precisam de uma estrutura sólida e, oferecer segurança através da construção de bons vínculos, ajuda a desenvolver nas mesmas um alto nível de empatia, auxiliando a alcançar um comportamento social adequado.

A escolha de tarefas deve ter como critério a possibilidade de a criança ser bem sucedida, pois isso pode compensar o seu fracasso escolar, desenvolvendo a sua autoafirmação e autoestima. Quando essa criança enfrenta limitações, ela precisa ser respeitada e suas dificuldades acatadas.

#### **4.3. O Papel da Escola**

É conhecido por todos, o fato de que a escola tradicional não tem sido capaz de atender a demanda brasileira por educação. Se ela não consegue atender nem mesmo os estudantes que se encontram em condições normais de aprendizagem, fica ainda mais difícil lidar com aqueles que são detentores dos distúrbios de aprendizagem aqui tratados.

A escola é vista pela população como o primeiro momento em que a criança é, de forma concreta, inserida na sociedade depois de já ser integrante de um núcleo familiar. No início da infância, ela representa o lugar que a criança possui como sendo o seu espaço. É o local onde estão as pessoas que esperam por ela, que querem recebê-la e estão ali unicamente para ensiná-la e ajudar no que for preciso. Não se pode esquecer que os grupos de crianças que frequentam a escola são bastante heterogêneos e saber lidar com cada diferença é fundamental. Um dos grandes problemas do ensino é tratar pessoas diferentes de forma igual. Embora a construção de currículos rígidos e conteúdos previamente estabelecidos sejam mais fáceis de serem geridos no âmbito da administração, essa não é a proposta ideal. É claro que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades de aprendizado e crescimento, mas isso não significa que o mesmo plano de ensino seja efetivo para todas elas. A verdadeira inclusão na escola envolve reflexões sobre políticas globais de educação e a mudança de objetivos para a implantação de um projeto que considere a diversidade dentro de uma escola regular para todos. Tal projeto, portanto, deve ser da escola como um todo e não parte do trabalho isolado de professores. É necessário trabalhar no sentido de criar projetos educativos que incorporem a diversidade na tomada de decisões.

Na maioria das vezes, alunos com distúrbios de aprendizagem são obrigados a repetirem os anos escolares, como se isso fosse uma espécie de “castigo” pelo seu fracasso escolar. No entanto, a repetição de conteúdos não faz com que alunos repetentes aprendam mais se a forma como o processo de aprendizagem se dá, continua a mesma, mas muito pelo contrário, a tendência é que esses alunos abandonem os estudos depois de várias tentativas em vão. No entanto, se a repetição de conteúdos se dá de maneira efetiva e a criança comprehende que essa atitude tende apenas a ajudá-la e não puni-la, ela pode ter um lado benéfico. Nesse caso, para as crianças, pode representar uma chance de recomeço quando a sua autoestima está prejudicada por uma série de fracassos e, para os adolescentes, pode significar uma mudança de postura diante dos estudos. Porém, a decisão pela reprovação nunca pode ser tomada de maneira isolada, como, por exemplo,

motivada pela dificuldade em uma única matéria específica, mas sim, por um conjunto de fatores que realmente sejam capazes de justificá-la.

Para os alunos que possuem dificuldades específicas de aprendizagem, a escola precisa prever um tempo extra para apoiá-los. Esse apoio deve ser entendido por eles como um presente e não como um castigo e a forma como isso é passado, também é papel da escola. Afinal, é preciso estar claro tanto para os educadores, como para os alunos, que a construção do conhecimento é feito por etapas e, para as crianças, pular uma dessas fases ou passar por elas de maneira inadequada, impossibilita que elas alcancem as demais.

O sucesso das instituições de ensino depende de uma gestão eficiente, uma grade curricular organizada, expectativas de aprendizagem elevadas, professores motivados, materiais didáticos diversificados e formação continuada de educadores.

A participação dos familiares na vida escolar dos alunos pode ir muito além do acompanhamento das notas e das conversas obrigatórias com professores e diretores. O envolvimento destes e outros responsáveis no cotidiano da escola através do acompanhamento de questões ligadas não apenas aos conteúdos e capacidades das crianças, mas também a aspectos administrativos pode ser vital para a melhoria da educação. A formação e boa gestão dos conselhos escolares são maneiras eficazes de se implantar tal participação.

Ações que a escola pode tomar no sentido de promover o desenvolvimento de todas as crianças considerando as peculiaridades de cada uma delas:

\*□ Seguir um projeto educacional que considere uma atuação indisciplinar dos profissionais;

\*□ Realizar ajustes na sala de aula que incluam a atribuição de lugares especiais, tarefas escolares alternativas ou modificadas e procedimentos de avaliação também modificados e adaptados.

\*A aquisição e o uso de equipamentos especiais como fonadores eletrônicos e dicionários especiais, processadores de textos, calculadoras falantes, livros passados para CDs e outros.

\*□ A criação de estratégias de educação especial como horários diferenciados e métodos voltados para as dificuldades específicas de determinadas crianças.

\*A atenção especial para as crianças com distúrbios de aprendizagem.

\*O desenvolvimento da competência escolar para o cumprimento de seu papel social.

\*A reorganização das grades curriculares através da inclusão de atividades esportivas, culturais e recreativas; a inclusão digital; a discussão de temas atuais e necessários como o meio ambiente, a cidadania, a saúde e outros.

\*□ A busca por materiais didáticos estimulantes que realmente tenham um significado para as crianças.

\*□ A reflexão sobre o seu papel na interrelação com os familiares.

\*□ O trabalho com o respeito dos alunos para que as crianças que enfrentam dificuldades em seu aprendizado não sejam discriminadas ou rotuladas pelos demais.

\*□ Maior número de professores e especialistas.

\*□ Maior disponibilidade de material didático.

\*Adequação física dos edifícios escolares.

\* Preparação profissional dos professores para elaboração de um projeto educativo que atenda às novas necessidades, através de adaptações curriculares, dos materiais pedagógicos e do sistema de avaliação.

\*□ Apoio psicopedagógico.

Também é papel da escola permitir o desenvolvimento dessa autonomia para que o aluno possa crescer e desenvolver a capacidade de querer alcançar horizontes mais ousados e próprios.

#### **4.4. O Papel dos Professores**

Considera-se um bom professor aquele capaz de conduzir o maior número de estudantes ao aprendizado. Esse cenário faz com que o excesso de alunos com dificuldades de aprendizagem indique que o educador não está conseguindo encontrar os caminhos adequados para ensiná-los.

Esses profissionais precisam ser mais bem capacitados para colocar o que aprenderam em prática. As universidades não tem sido capazes de formar tais profissionais, porém, refletir sobre a educação brasileira também constitui parte de seu papel. Um professor não deve apenas dominar conteúdos, mas sim saber transmiti-los de maneira tranquila e adequada aos alunos. As dificuldades escolares, independente de suas causas, devem ser objeto de preocupação para os professores na tentativa de buscar os reais motivos e desenvolver uma estratégia de ajuda para a superação desses obstáculos.

Para isso, é necessário que os professores conheçam os seus alunos em primeiro lugar. Só a partir disso é que se torna possível planejar o que fazer durante o período escolar. Todas as estratégias criadas devem ser colocadas em prática, mas a sua eficácia depende da sua adequação ao grupo ao qual se destinam. O papel do educador é despertar no aluno o interesse pelo conhecimento para que ele possa desenvolver a sua criatividade e construir a sua própria história de vida. Por isso, torna-se fundamental não apenas conhecer características superficiais a respeito de cada aluno, mas sim conhecer de maneira mais profunda os seus universos culturais.

Abaixo estão colocadas algumas atitudes que podem ser tomadas pelos professores na tentativa de minimizar as possíveis dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos:

\* Uso de variação metodológica na sala de aula. É preciso colocar o assunto de várias formas diferentes até que seja possível ao aluno compreendê-lo.

Conteúdos que passam sem ser aprendido acabam se acumulando e se tornam problemas maiores, impedindo o aprendizado de outros conteúdos.

\*As crianças que não adquirem os conhecimentos tão facilmente como os demais colegas, devem ser identificadas e acompanhadas com mais atenção.

\*O professor precisa ter consciência de que a aprendizagem também está ligada ao afeto. Ele deve conhecer cada um dos seus alunos, bem como as suas dificuldades e habilidades.

\* Para dificuldades com a escrita, o uso de folhas com linhas espaçadas e lápis grossos pode ajudar.

\* Para crianças com déficit de atenção, é preciso fazer contato visual antes de conversar. Certifique-se que o ambiente esteja calmo e permita intervalos frequentes.

\*Faz-se necessário sempre lembrar que a aprendizagem é uma relação bilateral e, portanto, depende tanto de quem aprende como de quem ensina.

\* Os professores nunca devem ressaltar as dificuldades dos alunos e diferenciá-los dos demais; expressar impaciência diante de dificuldades expressadas pelas crianças; corrigir seus erros com frequência na frente dos demais colegas; ignorar suas dificuldades; forçar as crianças a fazer lições quando estiverem nervosas por não ter conseguido.

\*Deve-se explicar para os alunos quais são as suas dificuldades, dizer que vai ajudá-los e procurar usar situações concretas nos problemas.

\* Trabalhar sempre a noção de tempo, espaço, sequência e atenção.

\* Conhecer o perfil de desenvolvimento esperado para cada faixa etária.

\* Ser capaz de analisar as potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança, para poder estabelecer os objetivos e os recursos educativos necessários para melhor alcançá-las.

\* Priorizar o respeito pela singularidade das pessoas e por seu ritmo de aprendizagem.

\* Procurar promover a autonomia de todos os estudantes.

\* Ter como objetivo fazer de cada escola um sistema organizado de preparação e facilitação do desenvolvimento integral de todos os alunos e não apenas daqueles com maior ou menor facilidade de aprendizagem.

\* Deve-se respeitar cada criança em seu estado de desenvolvimento.

#### 4.5. Como usar a Legislação

Existe uma série de leis criada em função do atendimento educacional dos estudantes que possuem dificuldades de aprendizagem dos mais diversos tipos. Ter conhecimento acerca dessa

legislação é de extrema importância para aqueles que são responsáveis ou têm contato com indivíduos com dificuldades de aprendizagem.

Na maioria das vezes, as pessoas não têm conhecimentos consideráveis acerca da legislação no que se refere ao processo educativo. É preciso ter claro que o acesso à educação constitui um direito básico de todos os cidadãos e ele deve ser exercido. O aluno precisa dispor, gratuitamente, de material didático e transporte para ir e voltar da escola, alimentação e assistência à saúde.

Embora não existam leis que se dirijam diretamente à educação das crianças com distúrbios de aprendizagem, há uma legislação destinada ao atendimento da educação especial e das dificuldades de aprendizagem de uma maneira geral, sendo de extrema importância que ela seja conhecida. A educação especial é um direito adquirido ao longo da conquista dos direitos humanos. A garantia de acesso à educação e a permanência na escola requer a prática de uma política de respeito às diferenças individuais.

Entre os objetivos colocados estão a promoção da interação social, o desenvolvimento de práticas de educação física, atividades sociais, a promoção do direito de escolha, o desenvolvimento de atividades linguísticas, o incentivo à autonomia e a possibilidade de desenvolvimento social, cultural, artístico e profissional das crianças especiais.

Porém, sabe-se das dificuldades enfrentadas pelo sistema de ensino brasileiro. Antes que a educação especial possa ser assegurada, faz-se necessário que outras medidas sejam tomadas como o aumento da oferta de serviços de educação especial com equipamentos, a existência de equipes suficientemente qualificadas, materiais didáticos adaptados, espaços físicos adequados, a criação de programas de preparo para o trabalho, o estímulo à aprendizagem não tradicional, a orientação da família e muito mais. Entretanto, o problema escolar já tão conhecido e difundido pela população dificulta ainda mais o acesso de muitas crianças ao ensino de que precisam e ao qual têm direito.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) estabelecem determinadas normas para a educação no sentido de atender tanto as crianças especiais, como aquelas que possuem dificuldades causadas por outros motivos.

**Professor Pedagogo Mário César Castro**

## Anexo

### INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Daniel Goleman (1995) defende que há muitos analfabetos, “aquele que não lê e não escreve” ou o analfabeto Político, e temos agora, bem no auge, o analfabeto digital, mas para Goleman talvez o pior de todos seja o analfabeto emocional. Que é a **incapacidade que temos de manejar nossas próprias emoções** e, ao mesmo tempo, de compreender e aceitar as emoções dos outros. Afinal:

“Qualquer um pode zangar-se, isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e de maneira certa, não é fácil”, ou seja, nesta frase está implícito o desafio à nossa capacidade de equilibrar razão e emoção.

Não nos é ensinado a identificar e lidar com nossos sentimentos e reações emocionais no cotidiano. Aprendemos desde cedo que “homem não chora”, que “temos de ser fortes” e “aguentar firme!” Não sabemos lidar com a morte, com o fim de relacionamentos, não sabemos nem entender e aceitar nossas fraquezas. Gostamos ou amamos algo ou alguém, mas por orgulho, dizemos que não. Não gostamos de uma determinada situação, mas dizemos para os outros que está tudo bem... É importante, portanto que saibamos educar nossas emoções e fazer com que os alunos também se tornem aptos a lidar com frustrações, negociar com outros, reconhecerem as próprias angústias e medos, pois a escola não deve se preocupar apenas com a inteligência de cada aluno, mas também com o desenvolvimento de sua capacidade de se relacionar bem com o outro e consigo mesmo.

Goleman chega a falar em "alfabetização emocional", como uma espécie de nova matéria, e em "lições emocionais". Mesmo que essa idéia tenha o mérito de chamar a atenção para a necessidade de levar em conta, de forma mais consciente, o desenvolvimento emocional dos alunos, ela merece uma ressalva, na medida em que não se aprendem emoções apenas recebendo lições, mas principalmente negociando-se com os outros. Quando se cria rotinas escolares repletas de situações em que os alunos trabalham em equipe, discutem regras de vida, falam sobre suas aflições, etc., podem surgir dificuldades emocionais, e a necessidade de negociar com os outros para superá-las pode fazer as crianças evoluírem. A inteligência emocional é um grito de alerta para os que pensam que a razão é a única responsável pelo nosso destino. Não se separa a razão da emoção, ambas se complementam o tempo todo, levando em conta a predominância de alguma delas em determinadas situações. A verdade é que nossos sentimentos, nossas paixões e anseios mais profundos constituem uma força extraordinária que, mais do que a cultura, conduz nossas esperanças de felicidade.

Como educadores, temos que repensar estas questões: se pretendemos educar visando à inteireza humana, educar com inteligência interpessoal e intrapessoal, onde pensamentos, emoções e sentimentos estejam em constante diálogo para a formação da pessoa. Para que o ser humano diante das adversidades não se deixe abater emocionalmente, por situações que lhe causem medo, raiva ou aversão, que ele saiba controlar as emoções usando a razão para uma melhor tomada de decisão.

Assim, torna-se necessário que redimensionemos o currículo escolar, utilizando filmes, jogos educativos e imagens como representações do mundo exterior, criadoras de climas favoráveis à expressão de diferentes dimensões do ser humano no sentido de catalisar os processos reflexivos, formativos e transformadores capazes de produzir mudanças de atitudes, valores e novas pautas sociais. Podemos utilizar projetos que estimulem o desenvolvimento de comportamentos, habilidades e atitudes e que incentivem a criatividade e o desenvolvimento da consciência crítica e de autonomia. Cabe, então, reconhecer que os ambientes educacionais são espaços de ação/reflexão fundados na emoção, nos sentimentos gerados na convivência. São ambientes onde nos transformamos e construímos o conhecimento através da convivência com o outro e da mediação da aprendizagem. É alarmante o número de desastres causados por nossas crianças e adolescentes. A falta de controle os leva a cometer barbaridades, como brigas dentro de sala de aula, discussões desnecessárias com os pais ou até mesmo entre seus grupos, desrespeito ao patrimônio público e privado. E o que mais nos assusta são brigas e discussões, as quais, estão levando nossos jovens a matar ou a escolher caminhos errados como os das drogas, da promiscuidade, entre outros. O fato é muito chocante, mas também é mais um indicador, à nossa

disposição, para que tomemos consciência da necessidade de ensinarmos de uma forma que objetive o controle das emoções, as resoluções de desentendimentos de forma pacífica e enfim, a boa convivência entre as pessoas.

"Os educadores, atualmente, estão preocupados com as notas baixas em matemática, português, biologia, etc. Deveriam se preocupar um pouco mais com a deficiência emocional que é muito problemática. Apesar dos louváveis esforços que visam melhorar o desempenho acadêmico, esse novo tipo de deficiência ainda não ganhou espaço no currículo escolar". Daniel Goleman, (1995, p. 247).

"O professor para ministrar a Alfabetização Emocional precisa ter a mente aberta – uma pessoa que aceite inovações com entusiasmo e ousadia, sem desprezar as experiências do outro". Precisa ser investigador, ou seja, estar em permanente contato com as teorias e suas evoluções. Possuir acentuada Inteligência Interpessoal, ter senso crítico e empatia (compreender os sentimentos e preocupações dos outros e adotar a perspectivas deles, reconhecer as diferenças no modo como as pessoas se sentem em relação a fatos e comportamentos). Deve-se ter em mente que educar" não dá direito a férias", é um trabalho de horário integral e muita dedicação. Vale ressaltar que os conteúdos da Alfabetização Emocional estão totalmente desvinculados a preceitos espirituais e religiosos. Quanto mais diversificado for o pluralismo de aceitação do professor para alunos de diferentes religiões tanto mais precioso será seu trabalho na condução da Alfabetização Emocional.

Segundo Goleman, numa época em que um grande número de crianças não é capaz de lidar com suas perturbações, de ouvir, ou de se concentrar, frear um impulso, sentir-se responsável por seu trabalho ou se ligar na aprendizagem, qualquer coisa que reforce essas aptidões ajudará na educação delas. O princípio fundamental do caráter é a autodisciplina, a vida virtuosa, a capacidade de motivar-se e orientar-se, seja ao fazer o dever de casa ou ao concluir um trabalho em sala. Alfabetizar-se emocionalmente, para Goleman, é algo em constante construção que permite às crianças, além de um ótimo desempenho acadêmico, uma maior probabilidade de ser melhores maridos e esposas, amigos, alunos, filhos e filhas, líderes, pais e mães, e principalmente de ser um melhor cidadão.

Mudar uma mente não é tarefa fácil. Dar carinho, afeto e tocar são fatores importantes para a colaboração da personalidade emocional e, consequentemente subsídios para a aprendizagem. O cérebro emocional tem poderes para paralisar o cérebro pensante, por outro lado, a afetividade pode aumentar a capacidade de pensar, de analisar realisticamente os problemas da vida, de fazer planos e executar ações com mais acertos, prazer e competência.

### **ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES:**

Desenvolver a inteligência emocional paralela à construção da religiosidade; Identificar com os alunos os motivos que temos para sermos felizes e alegres; Fazer uso em classe de músicas cuja letra ou ritmo estimule a alegria; Aproveitar a literatura para trabalhar as emoções, identificar e rotular os sentimentos dos personagens, aprender a expressar seus sentimentos e expô-los ao mundo, a avaliar a intensidade dos sentimentos dos personagens; Desenvolver a comunicação, falando dos sentimentos tornando-se um bom ouvinte e perguntador, identificando sentimentos negativos nos personagens de livros, filmes e, ao discuti-los, propiciar situações onde os alunos possam fazer a liberação de sentimentos negativos reprimidos no inconsciente; Confrontar as atitudes de personagens, "vilão x herói", e discutir o que os torna queridos ou "mal amados"; fazer uso de poemas para desenvolver a sensibilidade dos alunos e a descoberta do belo; conversar com o aluno (em particular) quando percebe-lo triste, com medo ou irritado, para saber o por quê e tentar ajudá-lo; comunicar-se por contato ocular, expressão facial, tom de voz, gestos e assim por diante; conduzir os alunos a fazerem pedidos claros, resistirem as influências negativas e ao saber ouvir os outros; fazer o aluno entender e tudo é importante: escrever, desenhar, ler, calcular, cantar, chorar, rir, ajudar o outro, ser sociável; desenvolver no aluno: - a auto consciência, isto é a observar-se e a reconhecer seus sentimentos, - a auto aceitação, sentir-se orgulho e ver-se numa luz positiva, - auto revelação, valorizar a fraqueza, reconhecer as consequências de suas decisões, comprometer-se (como por exemplo, nos estudos, ir até o fim); criar situações onde o aluno tenha oportunidades para dar e receber afeto; o professor precisa aprender a dizer ao aluno e ao colega "gosto de você", "você é muito importante para mim", "preciso de você", "eu me preocupo com você"; trabalhar a orientação sexual de acordo com a faixa etária dos alunos para que sejam mais responsáveis,

assertivos, atenciosos, harmoniosos e que tenham mais aptidões na resolução de conflitos; trabalhar esquema corporal, a postura elegante de ser, como elemento de auto expressão e identidade: quem é você?; trabalhar a elegância no relacionamento: como você se relaciona com outras pessoas?; aproveitar todas as oportunidades para trabalhar e desenvolver a empatia, a ternura, o afeto, o amor e o respeito com o aluno, criando situações e oportunidades onde possam se abraçar demonstrando ternura e afeto; realizar trabalhos em parcerias com colegas próximos, a fim de que o aluno cresça mais rapidamente em suas dificuldades. Ajudá-lo a perceber o próprio crescimento; listar as qualidades responsáveis pela amizade que recebemos dos outros: o que nos faz especiais...

**“Nunca prejudicarás a alguém sem prejudicar-te. Nunca beneficiarás a essa ou aquela pessoa sem beneficiar a ti mesmo. Através de nossas ações, sobre os outros, traçamos nosso próprio caminho”.**

(Francisco C. Xavier)

**Professor Pedagogo Mário César Castro**